

ARTIGO

OS EFEITOS ESPAÇO-TEMPORAIS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS E A INFLUÊNCIA DAS REDES MUNDIAIS NO PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DAS FONTES DE INFORMAÇÃO

RESUMO: O presente texto procura compreender como as tecnologias de informação estão reconfigurando a sociedade e imprimindo mudanças sobre os modos de ver, de compreender, de narrar e de difundir os acontecimentos, independentes de sua localização, tenham estes um caráter local ou global. Parte-se do pressuposto de que os efeitos espaço-temporais, decorrentes do novo modelo de informação não-linear e, em tempo real, colocam em risco alguns princípios básicos do jornalismo, como: a periodicidade, atualidade e, principalmente, a difusão; e que estes fatores incidem sobre as relações entre os jornalistas e as fontes de informação.

Palavras-chave: Globalização, tecnologias digitais, jornalismo, fontes de informação.

ABSTRACT:

The present text aims to understand how the information technologies are rearranging the society and establishing changes on mechanisms to see, to understand, to tell and to spread out events, independently of their location, within local or global issues. To adopt the space-temporal assumptions, which

¹ Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima (UFRR), e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

originate of a new model of nonlinear information and, in real time, place a potential risk on some basic principles of journalism, such as: the regularity, the present time and, mainly, the diffusion; and that these conditions, focus on the relationship between journalists and sources of information.

Key-Words: globalization, digital technologies, journalism, sources of information.

INTRODUÇÃO

O presente texto procura explorar como as tecnologias de informação estão reconfigurando a sociedade e imprimindo mudanças sobre os modos de ver, de apresentar, de narrar e de difundir os acontecimentos, independentes de sua localização, tenham estes um caráter local ou global.

Parte-se do pressuposto de que os efeitos espaço-temporais, decorrentes do novo modelo de informação não-linear e, em tempo real, colocam em risco alguns princípios básicos do jornalismo, como a periodicidade, a atualidade e, principalmente, a difusão; e que estes fatores, incidem sobre as relações entre os jornalistas e as fontes de informação.

Por outro lado, deve-se levar em consideração que o novo sistema multidimensional da Web - dada a sua alta capacidade interativa, possibilita, que todo “usuário” ou “internauta”, se transforme numa fonte em potencial, seja na função de informar, seja para denunciar, seja para exercer os seus direitos de cidadão; e que estes fatores colocam em xeque o modelo tradicional de jornalismo que, historicamente, se apóia nas fontes legitimadas para legitimar seus discursos, e imprimir maior credibilidade às notícias.

As discussões sobre os efeitos espaço-temporais do novo sistema de informação, não-linear, e em tempo real, podem se tornar mais produtivas se buscarmos compreender como a aproximação entre o local e o global, decorrente do alto poder de difusão das tecnologias digitais, contribui para tornar a sociedade uma refém dos problemas que ultrapassam as fronteiras, e se globalizam, por mais localizados que estes se apresentem.

Identificar mesmo que, meramente, sob o âmbito teórico, quem são as fontes que melhor estão se apropriando do novo sistema Web, parece fundamental para compreendermos como o jornalismo poderá valer-se da crise que ora se apresenta para imprimir maior qualidade e profundidade às notícias.

COMPREENDENDO O CONTEXTO

Estudos recentes apontam que o processo de globalização, aliado aos avanços tecnológicos, da última década, estão lançando as bases para a formatação de uma nova sociedade, cada vez mais interligada e interdependente mundialmente. O sociólogo espanhol Manuel Castells (1999) considera que “entramos num mundo realmente multicultural e interdependente, que só poderá ser entendido e transformado a partir de uma perspectiva múltipla que reúna identidade cultural, sistemas e redes globais e políticas multidimensionais” (P. 43).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007) tem sido um dos críticos mais contundentes da globalização da forma como esta se apresenta. O autor do livro “Tempos Líquidos” defende a idéia de que os efeitos espaço-temporais da globalização incidem negativamente sobre a sociedade, em seus princípios organizativos mais básicos. Diante da aproximação cada vez mais acentuada entre o local e o global, os problemas se amplificaram, se complexificaram e se globalizaram desordenadamente.

Segundo o autor o processo de globalização em curso, o qual ele denomina de “globalização negativa”² tem como principal causa o deslocamento do Estado-nação³, aliado ao colapso do pensamento, do planejamento e da ação em longo prazo. No novo contexto, a sociedade passa a ser vista e tratada cada vez mais como uma “rede” em vez de uma “estrutura” (para não falar em uma “totalidade sólida”): “ela é percebida e encarada como uma matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis” (P. 9). Bauman atribui os riscos aos quais está submetida a sociedade na era da globalização ao alto poder das tecnologias digitais e penetrabilidade da TV.

2 O termo “globalização negativa” se refere a “uma globalização seletiva do comércio e do capital, da vigilância e da informação, da violência e das armas, do crime e do terrorismo, todos unânimes em seu desdém pelo princípio da soberania territorial e na falta de respeito a qualquer fronteira entre estados” (BAUMAN, 2005, p. 13).

3 Segundo Castells os desafios enfrentados pelos Estados com a globalização se concentram entre o poder das redes globais e o surgimento de novas identidades (2000, p. 287).

Num planeta atravessado por “auto-estradas da informação”, nada que acontece em alguma parte [...] pode de fato, ou ao menos potencialmente permanecer do “lado de fora” intelectual. Não há terra nulla, não há espaço em branco no mapa mental, não há terra nem povo desconhecidos, muito menos incognoscíveis. A miséria humana de lugares distantes e estilos de vida longínquos são apresentadas por imagens eletrônicas e trazidas para casa de modo tão nítido e pungente, vergonhoso ou humilhante como o sofrimento ou a prodigalidade ostensiva dos seres humanos próximos de casa [...] (P. 27).

Em última instância, a globalização negativa de que trata Bauman produz uma sociedade super exposta e vulnerável a todos os tipos de “riscos”, “medos” e “incertezas”, que perde seu poder de força e a sua capacidade para a criação e execução de projetos individuais e coletivos em longo prazo. Uma condição que “[...] traz à mente a experiência aterrorizante de uma população heterônoma, infeliz e vulnerável confrontada por forças que não controla nem entende totalmente, uma população horrorizada por sua própria vulnerabilidade” e, conseqüentemente principalmente, distanciada do seu contexto (2007, p. 13).

Lasch (2005) também considera os efeitos espaço-temporais da globalização, ao qual ele denomina de “tecnologias das formas de vida”⁴ como um “risco” para a sociedade, porque estes contrariam os princípios do modelo linear de comunicação e informação – historicamente, muito mais apropriado para a reflexão e a elaboração de projetos de longo prazo.

O autor busca apoio em Luhman (1997) e Arnoldi (2000) para identificar como os efeitos espaço-temporais do novo modelo multidimensional da Web interferem sobre a construção das narrativas contemporâneas, baseado em três eixos que se entrecruzam e interagem entre si: 1. Compressão: narração e discurso se comprimem em formas de significado abreviadas; 2.

4 Segundo Lasch o termo “formas tecnológicas de vida contribui para compreendermos o mundo por meio de sistemas tecnológicos, que trabalham segundo um modelo cibernético” – não linear ou à distância, buscando características semelhantes e interfaces com as formas de vida; estas incluem, por um lado, as formas naturais ou biológicas – isto é, o próprio corpo e, por outro, as sociais e culturais, associadas ao cotidiano (2005, p. 40 e 43)

Aceleração: a velocidade da produção é demasiado rápida para a reflexão e para o aprofundamento; 3. Expansão/descontinuidade; cultura à distância: as redes estão unidas por laços sociais fundamentados em princípios técnicos, o que impede a formação de relações estáveis e em longo prazo. Sob os efeitos de compressão, aceleração e expansão do tempo e do espaço – característicos da sociedade global, identificados por Lasch, “os acontecimentos se tornam cada vez mais efêmeros, têm curta duração, e se esgotam rapidamente, independentes do seu grau de importância e abrangência (P. 46-50).

Castells, em contrapartida, se apóia no conceito de “tecnosocialidade” para defender a importância das redes mundiais enquanto espaço para o surgimento de uma nova cultura – a “cultura à distância”, a partir de pesquisas realizadas com jovens de todos os continentes que interagem através da rede mundial.

Há mais de uma década, o autor defende que as redes mundiais têm um papel decisivo no surgimento de novos processos de sociabilidade e afirma que: “é possível que dessas comunas possam surgir novos sujeitos, isto é, agentes coletivos de transformação social, construindo novos significados em torno da identidade de projeto” (CASTELLS, 2000, p. 86).

La observación de la “tecnosocialidad” muestra que los recursos de comunicación inalámbrica no son solo herramientas sino “contextos, condiciones ambientales que hacen posibles nuevas maneras de ser, nuevas cadenas de valores y nuevas sensibilidades sobre el tiempo, el espacio y los acontecimientos culturales (CASTELLS citado em Canclini e outros, s/d, p. 77).

Os efeitos decorrentes das relações entre tecnologia e sociedade ou a “tecnosocialidade”, são um indício de que, enquanto por um lado, as redes mundiais fundamentam a formatação de uma nova sociedade – a sociedade em rede, e o surgimento de uma nova cultura – a cultura à distância, por outro, ela amplia o poder das fontes de informação enquanto sujeitos capazes de produzir acontecimentos com alto grau de visibilidade.

No livro “O poder da identidade” Castells já antecipava a necessidade de identificar “Quem são os sujeitos dessa nova estrutura” tecnológica? – em outras palavras, Quem são as fontes que melhor representam a sociedade na rede mundial, mesmo que os estudos, nesse sentido, ainda se encontrem em fase experimental.

O ESPAÇO DAS FONTES

Castells destaca o pioneirismo dos movimentos sociais/ambientalistas⁵ como os sujeitos que melhor se apropriaram dos recursos tecnológicos da rede mundial, enquanto espaço para o surgimento, reestruturação e mobilização da sociedade e o compartilhamento de interesses em larga escala.

O autor procura embasar suas conclusões a partir de estudos realizados com alguns movimentos sociais, entre estes, o Greenpeace⁶; por tratar-se de uma organização com representações espalhadas em todos os continentes, e que se utiliza da rede como um espaço estratégico para a articulação e divulgação de suas ações, em âmbito mundial.

Existe uma relação direta entre os temas abordados pelo movimento ambientalista e as principais dimensões da nova estrutura social, a sociedade em rede [...]: ciência e tecnologia como os principais meios e fins da economia e da sociedade; a transformação do espaço, a transformação do tempo; e a dominação da identidade cultural por fluxos globais abstratos de riqueza, poder e informações [...] (CASTELLS, 2000, p. 154).

5 O grande impacto causado por esses movimentos resulta, em grande medida, da presença marcante na mídia e do uso eficaz da tecnologia da informação (CASTELLS, 2000, p. 133)

6 Segundo Castells, o Greenpeace é uma “organização altamente centralizada e uma rede mundialmente descentralizada, controlada por um conselho de representantes do país, um pequeno conselho executivo, e responsáveis regionais para a América do Norte, América Latina, Europa e região do Pacífico.” (2000, p. 150).

O filósofo e antropólogo argentino, Néstor García Canclini, também se apóia no conceito de tecnossocialidade para identificar quem são as fontes de informação que estão se apropriando do novo sistema Web. No livro “Leitores, espectadores e internautas”, o autor ressalta que a grande maioria dos usuários, que hoje trafegam pelas redes mundiais, são, na verdade, uma extensão dos “leitores” de jornais, revistas, etc., advindos do antigo sistema linear/analógico de informação; e que têm suas funções ampliadas para “espectadores” e “internautas”.

Em contrapartida, o autor atenta para a necessidade de que se identifiquem os reais benefícios das redes mundiais no sentido de atender aos anseios dos cidadãos, e levanta uma questão: “em tempos de globalização, interdependência mundial a pergunta não é como construir fronteiras impenetráveis, mas como utilizar os recursos tecnológicos-culturais para atender melhor às necessidades majoritárias e de diferentes grupos” (Canclini, s/d, p. 87).

Chaparro (2001) ressalta a importância das fontes de informação para sistematização das práticas jornalísticas em tempos de globalização. No texto “Revolução das fontes”, o autor defende que, nas últimas décadas, “as fontes tornaram-se entidades organizadas, interessadas e preponderantes, mesmo quando não aparecem, mas agem politicamente, habitualmente nas reportagens de denúncia, nas quais, com freqüência, as informações decisivas têm origem anônima” (Chaparro: 2001. p. 42).

Há mais de uma década o autor identificava o Movimento dos Sem Terra (MST) como uma dessas fontes com amplo poder para conquistar espaços de visibilidade na imprensa; reconhecendo na instituição o mais consistente discurso de esquerda no País. Durante toda a sua história, o MST procura sensibilizar o governo e a opinião pública sobre a problemática agrária do Brasil.

O MST é uma organização bastante complexa com pessoas e áreas de decisão protegidas pelo sigilo; lideranças (várias delas com formação superior) cuja hierarquia não é perceptível; capacidade de ações e articulação que nenhuma outra organização social tem no Brasil; e fontes de suprimento financeiro de várias origens, inclusive internacionais (Chaparro: 2001. p. 54).

A exemplo do Greenpeace, o Movimento dos Sem Terra, também busca visibilidade para as suas ações de forma “espetacular”, sempre visando chamar a atenção da imprensa e da opinião pública a partir de três eixos básicos: 1. Promover a luta pela terra; 2. Reforma agrária; 3. Reformas políticas na sociedade que levem à reforma agrária.

Enquanto Castells e Canclini procuram identificar quem são as fontes que melhor estão se apropriando da globalização tecnológica para imprimir maior visibilidade às suas ações, o jornalista e pesquisador francês Ignacio Ramonet (1999) aponta criticamente quem são as fontes que caracterizam o jornalismo global e quais as estratégias e formatos que vêm sendo adotados pela imprensa para transformar a “violência” e o “medo” – característicos da era da globalização – de que trata Bauman, em mercadoria cada vez mais atraente.

A partir de estudos realizados nas TVs⁷ norte-americanas, o autor atenta para os riscos que se impõem ao jornalismo contemporâneo. “Na era da informação global, grande parte do capital comercial pode ser – e é – acumulada a partir da insegurança e do medo [...] e os meios de comunicação de massa reabastecem constantemente o capital do medo e amplia ainda mais o sucesso tanto de seu marketing quanto de seu uso político” (Ramonet, 1999, p. 18).

O TEMPO DO JORNALISMO

Ramonet (1999) foi um dos pioneiros a desconstruir o jornalismo da forma como este se apresenta, e a identificar as reais repercussões dos efeitos sociais e espaço-temporais do novo modelo digital, e em tempo real, sobre a produção da notícia, tendo como parâmetro a televisão.

7 Segundo Ramonet, a TV é o sistema que melhor se apropriou da convergência tecnológica decorrente da globalização, ao contrário do jornal que, na sua grande maioria, ainda opera baseado no sistema analógico/linear de informação. No novo modelo de transmissão direta e em “em tempo real” é a TV que “impõe sua escolha e obriga praticamente a imprensa escrita a segui-la” (1999, p. 132-33).

Segundo o autor, na era da globalização, a permanente “contradição” existente entre o tempo jornalístico e o tempo político, ou o tempo da sociedade, é uma das razões que levam o jornalismo a cometer tantos erros de cobertura. “Assim como o tempo político – deve ser lento para permitir que [...] a razão se imponha, assim o tempo midiático atinge o limite extremo da velocidade: a instantaneidade” (P. 71-72). E pontua: o jornalismo televisivo, da era da informação global, tende a “personalizar” a política, em detrimento da qualidade noticiosa. “Em vez da TV procurar mostrar uma política de idéias e de julgar as ações dos políticos, a vida política se tornou um entrechoque de homens ou de mulheres [...], quando o que conta é a própria pessoa, sua capacidade de convencer, seu caráter, seu domínio e não sua política. Sob este aspecto não há uma diferença entre um programa político e um programa de grande público, o que é julgado é a performance” (P. 93-94).

As constatações de Ramonet estão baseadas nos estudos sobre a cobertura das guerras do Golfo⁸ (1992), da guerra das Malvinas (1991), etc., nas redes de TVs norte-americanas, as chamadas “guerras invisíveis”, ou “guerras sem testemunhas” – termos usados para notificar a ausência de múltiplas fontes de informação nas notícias.

As guerras num universo supermediatizado tornaram-se grandes operações de promoção política que não poderiam ser conduzidas fora dos imperativos das relações públicas. Elas devem gerar imagens próprias, límpidas, que correspondem aos critérios do discurso de propaganda, ou em termos contemporâneos do discurso publicitário (RAMONET, 1999, p. 89).

Ficou constatado que os militares – leia-se o governo americano, tiveram espaço privilegiado nos telejornais, e mantiveram o total controle da informação,

8 Para Ramonet a guerra do Golfo (1992), marcou o início de um novo gênero de jornalismo – o “jornalismo de revelação”, voltado para cobrir a vida privada de personalidades públicas e os escândalos ligados a corrupção, etc, e que, via de regra, se opõe ao “jornalismo de investigação” (1999, p. 16).

durante toda a cobertura da guerra do Golfo, numa clara demonstração de que o objetivo se baseava em manter a opinião pública afastada da realidade. Esse fato comprova, para tanto, a tese de que a imprensa americana tende a “personalizar a política” para atender interesses econômicos, em detrimento da qualidade da informação.

Segundo as pesquisas o alto índice de “erros” encontrados no material analisado, marca o início de uma mudança substantiva nas relações do jornalismo com a realidade/sociedade e principalmente com a verdade – questões que levaram Ramonet a profetizar o “fim do telejornal”, e a identificar a vulnerabilidade do jornalismo enquanto campo profissional, segundo ele, em “vias de regressão”.

Os estudos sobre as guerras, e de outros eventos significativos envolvendo corrupção, terrorismo, imigração, etc., questões que se perpetuam mundialmente, fizeram emergir pelo menos três fontes de informação que servem para simbolizar ou mitificar a sociedade na era da globalização apresentada por Bauman: 1. A vítima; 2. O salvador; 3. O dignatário são, na verdade, fontes/personagens criadas pelo jornalismo televisivo norte-americano para manipular a informação e manter a opinião pública afastada das reais conseqüências dos fatos.

Por outro lado, a superabundância de informação⁹ resultante das transmissões ininterruptas, e em tempo real – outra conseqüência do novo modelo digital induz o jornalismo a repetição, a contar sempre a mesma história, e a adotar cada vez mais estratégias publicitárias e técnicas de sedução na guerra pela audiência visando, e baixar os custos de produção.

Na era da informação globalizada,

Os jornalistas se repetem, se imitam, se copiam, se correspondem e se misturam a ponto de não constituir mais do que um único sistema informacional, no seio do qual é cada vez mais árduo distinguir as especificidades de um meio tomado isoladamente. E o surgimento da internet reforçou ainda mais essa imbricação (RAMONET, 1999, p. 135).

⁹ Ramonet parte do princípio de que “toda superinformação – acarreta quase que automaticamente uma desinformação”; desinformar, isto é, cobrir uma mentira com a aparência da verdade com o objetivo de enganar o telespectador, tem sido uma técnica muito usada no novo modelo de jornalismo “direto e em tempo real” (1999, p. 73).

Na era da informação globalizada, o uso de técnicas publicitárias como estratégia para enfrentar a concorrência diante da superabundância de informação, tem sido a principal responsável por uma das lacunas presentes, hoje, no jornalismo, ou seja: a incompreensão dos limites entre realidade e ficção. Esse fato coloca em risco a credibilidade do jornalismo enquanto “instituição social” – e como um aliado na construção da sociologia do conhecimento, tese defendida pela socióloga norte-americana, Gaye Tuchman, desde a década de 70.

Para a pesquisadora a notícia é uma “instituição social”, munida de “caráter público”, que se constrói a partir de três princípios: 1. A notícia tem o poder para fazer com que a informação chegue ao consumidor; 2. A notícia é uma aliada das instituições legitimadas; 3. A notícia é localizada, produzida e disseminada por profissionais que trabalham para instituições empresariais (P. 16).

Traquina (2005) defende que a incompreensão das relações entre jornalistas e fontes tem sido um dos grandes entraves para os avanços dos estudos em jornalismo principalmente da teoria do agendamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os referenciais teóricos acima demonstram que as redes mundiais exercem uma função decisiva para o surgimento de novos processos de sociabilidade, e estão dando origem a uma nova cultura – a cultura à distância; e imprime mudanças sobre os modos de ver, de compreender, de narrar e de difundir os acontecimentos, independentes de sua localização.

Segundo Castells, entre os sujeitos ou fontes de informação que mais se beneficiaram, ou que melhor se apropriaram do novo sistema digital, estão os movimentos sociais/ambientalistas, com destaque para o Greenpeace. Canclini defende, por outro lado, que o usuário das redes é o “leitor”, oriundo do antigo sistema analógico de produção e circulação, e que, no novo sistema Web, têm suas funções ampliadas para “espectador” e “internauta”. Muito embora os reais benefícios desse sistema para a sociedade ainda estejam por ser explorados, compreendidos.

Ao mesmo tempo em que as redes mundiais se apresentem como um espaço favorável para a reorganização da sociedade e melhor capacitação das fontes de informação, por outro lado, não podemos desconsiderar que o novo modelo não-linear de informação, e em tempo real, representa uma ameaça para o jornalismo tradicional que, historicamente, se alimenta das “fontes legitimadas”, para a construção noticiosa.

Esta crise se aprofunda ainda mais se tomarmos por base o pesquisador francês Ignacio Ramonet, segundo o qual o jornalismo da globalização, nada mais é do que uma extensão do jornalismo espetáculo – que teve origem nas décadas de 50-60; e que, em síntese, coloca em risco os princípios seculares do jornalismo como a periodicidade, a atualidade e a difusão, fatores que incidem diretamente sobre as relações entre jornalistas e fontes de informação.

A “vítima”, o “salvador” e o “dignatário”, identificadas pelo autor, nos estudos sobre a cobertura das guerras, são, na verdade, fontes/personagens criadas pelo jornalismo americano para “seduzir” a opinião pública, e vencer a concorrência, em tempos de globalização, “superabundância de informação” e “convergência tecnológica”.

Esses fatos demonstram que o jornalismo elevado ao limite extremo da velocidade – a instantaneidade, impede que se cumpra plenamente todas as etapas do processo noticioso, isto é, de filtrar, de investigar e, principalmente, de checar com precisão, junto às fontes, a veracidade dos fatos, e que, em síntese são os princípios básicos para o bom exercício da profissão.

Para vencer os efeitos espaço-temporais decorrentes da globalização sobre as práticas jornalísticas, quais sejam: a globalização dos

acontecimentos; o jornalismo elevado ao limite extremo da velocidade, a instantaneidade; a superabundância de informação; o retorno do jornalismo espetáculo, de que trata este artigo, sugere-se que o jornalista procure compreender com maior profundidade: 1. Que grande parte dos acontecimentos da era globalizada são locais e globais, ao mesmo tempo; 2. Que o aprofundamento das notícias depende do uso de uma multiplicidade de fontes de informação; 3. Que nas redes mundiais todo usuário pode tornar-se uma fonte em potencial e 4. Que determinadas fontes estão se apropriando melhor dos recursos tecnológicos para imprimir credibilidade às suas ações, com destaque para os movimentos ambientalistas.

Em síntese, compreender as reais repercussões dos efeitos espaço-temporais, do novo modelo de informação não-linear, e em tempo real, sobre as relações entre jornalistas e fontes, parece fundamental para compreendermos o jornalismo enquanto linguagem do presente, das complexidades sociais e dos “riscos” que movem o mundo contemporâneo, por conta de uma sociedade cada vez mais interligada e interdependente mundialmente .

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. Sociedade em rede. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CANCLINI, Néstor García. Lectores, espectadores e internautas. Barcelona, Gedisa editorial, 2007.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Linguagem dos conflitos. Coimbra, Minerva, 2001.

RAMONET, Ignácio. A tirania da comunicação. Petrópolis, RJ, Vozes, 1999.

SCOTT, Lasch. Formas tecnológicas de vida (cap.2) e Teoria mediática (cap. 6). In _____. Crítica de la información. Buenos Aires: Amorrortu, 2005, p. 39-58; p. 119-138.

TRAQUINA, Nelson. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo, Editora Unisinos, 2005.

TUCHMAN, Gaye. La producción de la noticia: estudio sobre La construcción de la realidad. Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A. 1983.